Quando o medo muda de lado: Carta de Charles Maurras ao Ministro do Interior Abraham Schrameck

por Padre Olivier Rioult | 3 de jan de 2019 |

Em 9 de junho de 1925, duas cartas de Charles Maurras foram endereçadas, uma ao chefe de polícia Alfred Morain, e outra a Abraham Schrameck, então ministro do Interior. No mesmo dia, o artigo diário de Maurras na *Action Française* foi substituído por essas duas cartas, que foram, portanto, postadas e publicadas como cartas abertas, o que apresentou um difícil problema legal para os magistrados chamados a examiná-las. Maurras justificou esse procedimento, que poderia fazê-lo escapar da legislação sobre a imprensa, indicando:

> "*Um simples artigo de jornal poderia fazer o ministro do Interior dizer que se tratava de literatura. Tratava-se, ao contrário, de sua vida*."

A motivação para os avisos desenvolvidos nos dois textos estava relacionada a uma série de fatos, ameaças, atentados e crimes dos quais as pessoas da *Action française* e, mais geralmente, os militantes de direita se queixavam, assim como se queixavam da vontade do governo de desarmá-los, diante de uma situação de semi-guerra civil, nascida de uma estratégia comunista de violência, e da política anticlerical de Herriot e do Cartel das Esquerdas: em 22 de janeiro de 1923, Marius Plateau foi assassinado por Germaine Berton; em 25 de maio seguinte, a intrusão na *Action française* de um certo Taupin, que veio atirar no teto com um revólver; em 23 de novembro de 1923, Philippe Daudet foi provavelmente morto de forma criminosa; em 9 de fevereiro de 1925, durante uma reunião católica em Marselha, um ataque comunista, favorecido pela ausência de polícia, causou dois mortos e oitenta e quatro feridos; em 23 de abril de 1925, na rua Damrémont, quatro militantes das Juventudes Patrióticas, previamente desarmados, foram assassinados por comunistas; em 26 de maio de 1925, Ernest Berger, tesoureiro da Liga de Action française, foi assassinado por uma jovem mulher apresentada como "louca", e que havia confundido Berger com Maurras; finalmente, em 5 de junho de 1925, quatro dias antes da data das duas cartas, a polícia interveio em uma reunião privada dos *Camelots du roi*, na rua Hermel em Paris, e os desarmou, enquanto militantes comunistas reunidos em outro local na mesma rua, na mesma noite, não foram objeto de nenhum controle.

"Senhor Abraham Schrameck,

Informações seguras permitem afirmar que o senhor é o instigador, o iniciador, o autor responsável pela emboscada da rua Harmel: foi por sua ordem expressa que pessoas honestas foram brutalizadas, revistadas, desarmadas para serem entregues sem defesa aos inimigos da pátria e da sociedade. Seus subordinados cometeram o erro de executar ordens indignas, mas essas ordens vêm do senhor.

Outras informações não menos seguras permitem afirmar, Senhor Abraham Schrameck, que o senhor está preparando outra coisa, melhor ou pior, como se queira. As circunstâncias de fato o obrigam a isso! Eis Daudet solenemente designado pelo sufrágio dos conservadores de Anjou para suceder Jules Delahaye e se erguer na tribuna como a estátua viva da justiça. Eis o caso Philippe Daudet engajado no caminho que só pode levar a rasgar terríveis mistérios e envolver as mais altas responsabilidades. Senhor Abraham Schrameck, o senhor precisa de uma diversão. Então, sob o pretexto falacioso de uma ação imaginária contra os comunistas que seu amigo Léon Blum e seu amigo Krassine sempre o obrigarão a poupar e respeitar, o senhor prepara contra as Juventudes Patrióticas e contra a Action française uma operação da mesma ordem, mas que será séria; sedes centrais, jornais, permanências, domicílios particulares, em Paris, nos subúrbios, na província, serão provavelmente e simultaneamente visitados. Seus sicários, Senhor Abraham Schrameck, terão apenas um objetivo: nos desarmar. O senhor confiscará todos os revólveres que puder encontrar. Em uma hora em que oficiais alemães preparam em Paris, e em certas regiões muito bem conhecidas pelo senhor, revoluções análogas às de Moscou, Munique e Budapeste, quando o inimigo público se prepara para pegar os particulares ao sair da cama, para tomá-los como reféns, para prendê-los e torturá-los, o senhor, ministro do Interior, se dispõe a aplainar o caminho da revolta e a entregar-lhes, com mulheres e crianças, as casas dos bons cidadãos previamente desarmados.

Eis o crime ao qual o senhor dedica, neste momento, todos os seus cuidados. Antes que seja cometido, venho expor-lhe uma boa coisa, senhor Abraham Schrameck: é melhor para o senhor que ele não seja cometido, pois este crime será certamente punido.

Falo-lhe disso com a serenidade tranquila de um homem que já viu quase tudo.

Vi, em suas macas, em seus leitos de hospital, os corpos inanimados de Marius Plateau, de Philippe Daudet e de Ernest Berger. Dois desses bons franceses foram mortos, em parte por minha causa. O terceiro tinha o erro de ser filho de um grande francês que se tornara culpado de certos atentados contra a pessoa de alguns traidores. Diante desses crimes, tive que fazer a constatação, sempre amarga para um homem de ordem, de que os franceses enlutados podiam se queixar e acusar, era em vão, sempre em vão! Seus serviços de polícia ou de justiça lhes opunham a mesma constante vontade de inércia. Mas vi outra coisa, senhor Schrameck. Vi os olhos vermelhos e os punhos cerrados de uma nobre e piedosa multidão francesa inchada pelas revoltas da justiça, pelo sentimento da mais santa das vinganças. Essa multidão enérgica só esperava um sinal nosso, eu ousaria quase dizer um sinal meu, para se lançar sobre os responsáveis e castigá-los.

Acreditei ser meu dever me proibir esse sinal e deter essa cólera. Seja ele da polícia ou não, o anarquista profissional sabe matar por um sim ou por um não. Os cidadãos sabem que a pena de morte só deve ser aplicada a criminosos homicidas e em circunstâncias em que a culpabilidade certa aparece em uma evidência irresistível. Tínhamos graves suspeitas e indícios sérios sobre os verdadeiros instigadores do assassinato de Plateau. Mas eram apenas probabilidades, e a investigação judicial que as teria precisado foi morta no ovo. A investigação sobre a morte de Philippe Daudet, conduzida pelo pai da vítima, avança lenta e seguramente. Mas a cortina mal se levantou, e todas as forças da Chancelaria, presididas pelo Sr. Steeg, tendem a desacelerar e retardar a luz. É pelo menos duvidoso que se saiba algum dia a verdade sobre o mistério da morte de Ernest Berger. Nessas condições, nosso dever é deter a justa cólera pública. Não se sabe como julgar, como punir? Em contrapartida, é verdade, eis um ponto colocado fora de todas as zonas de dúvida: a tentativa de desarmamento da rua Harmel é sua obra, senhor Abraham Schrameck. Também não há dúvida possível sobre o autor dos preparativos de desarmamento que ameaçam os patriotas. Esse autor é o senhor. Só pode ser o senhor. Entre os governantes que se associam moralmente ao seu crime, entre aqueles que o inspiram nas inapreensíveis deliberações dos Conselhos, nenhum está posicionado como o senhor para comandar e descomandear o empreendimento. Depende do senhor detê-lo ou colocá-lo em movimento. De cima a baixo, na ordem da execução, tudo deve passar pelo senhor. Portanto, tome cuidado! Inversamente também, de baixo para cima, o itinerário é o mesmo, é pelo senhor que tudo deve passar.

Ou, por sorte ou por azar, dependendo do ponto de vista, acontece que o seu personagem é extremamente representativo. Mais representativo do que o de Caillaux. Mais do que o de qualquer pessoa no mundo.

É verdade que, por sua pessoa, você não é nada. Ninguém sabe, ninguém poderia dizer de onde você vem. Nem um francês em 500.000 seria capaz de informar a respeito da sua origem àqueles que são de nossa terra e cujos pais e mães conhecemos. Sabemos, sabemos muito bem que seu colega Steeg, a quem uma zombaria do destino colocou na Justiça, é filho de um pastor alemão que nunca conseguiu apresentar seus documentos de naturalização. De você, nada se sabe. Mas você é o Judeu. Você é o Estrangeiro. Você é o produto do regime e de seus mistérios. Você vem dos subterrâneos da polícia, das lojas e, como seu nome parece indicar, dos guetos renanos. Você nos aparece como diretor dos serviços penitenciários por volta de 1908 ou 1909. Lá, você faz martirizar Maxime Real del Sarte e seus companheiros culpados de terem militado pela festa de Joana d'Arc. Seus primeiros atos conhecidos estabelecem sua fidelidade à consigna étnica dada por seu congênere Alfred Dreyfus no dia de sua degradação: Minha raça se vingará sobre a sua. Sua raça, uma raça judaica degenerada, pois há judeus bem-nascidos que sentem vergonha disso, a raça dos Trotsky e dos Krassine, dos Kurt Eisner e dos Bela Kuhn agora encarregou você de organizar a revolução em nossa pátria. Mas isso está um pouco evidente. É um pouco claro demais. Você simboliza entre nós, de maneira um pouco visível demais, o Estrangeiro que se apoderou por surpresa do governo e o faz servir a fins antigovernamentais e antinacionais. Pela força de um papel ingrato, e por não ter se detido a tempo, você se tornou, senhor Abraham Schrameck, a imagem exata e pura do tirano sobre o qual os povos oprimidos exerceram a todo momento seu direito, estabelecido e verificado, à liberdade. Você nos pertence assim. Você é, à letra, nosso homem. A lenda e a história concordam em dedicar você à espada ou ao arco justiceiro de Harmódio e Guilherme Tell. Em outras palavras, por posição e definição, você é extremamente adequado para o castigo.

Tal como está, no entanto, você nos fará essa justiça, deixaram-no muito tranquilamente no lugar que não é seu, e você não foi nem inquietado, nem ameaçado, nem provocado. Por amor à paz e à ordem, não se pensou em punir nem suas usurpações nem mesmo sua dominação. Sim, eu digo isso corando, essa dominação é suportada, foi, é suportada corajosamente. E ainda será. Mas até o ato de opressão, vou mais longe, até a ameaça, até suas ameaças de morte exclusivamente. Não sofreremos nada além disso. E como aqui estão suas ameaças, senhor Abraham Schrameck, como você se prepara para entregar um grande povo ao corte e às balas de seus cúmplices, aqui estão as respostas prometidas. Respondemos que nós o mataremos como um cão.

As últimas notícias são bem claras. O comunismo dispõe de enormes recursos. São de compartimentos de primeira classe de trens, são de aviões caros, de luxuosos aeróstatos que caem sobre as pacíficas multidões francesas os apelos à revolta e ao massacre. As armas aperfeiçoadas abundam por toda parte nas mãos da revolta e da carnificina organizada. Tudo está pronto para pôr fogo no país e, aqueles que querem resistir, vocês os desarmariam? É possível. Mas aqui está o certo. Restará uma arma para abatê-los, vocês!

Para que não haja mal-entendidos em vida ou postumamente, dou aqui a ordem formal àqueles que querem bem aceitar meu comando. Até o atentado que vocês preparam, eu ordenava a paciência e proibia a resposta. Desta vez, ordeno que revidem contra vocês. As ordens que partem desta casa são obedecidas, vocês sabem disso. Quando foi necessário ficar em silêncio e se manter diante dos corpos gelados de Marius e Philippe, calamos, nos contivemos. Quando, em 31 de maio de 1923, três políticos se dirigiam a uma assembleia para louvar o assassinato de Plateau, foi necessário, através de violências leves, mas medidas, trazer de volta ao sentimento do justo e do verdadeiro, os senhores Moutet, Violette e Sangnier foram purgados, encrados e bastonados como mereciam na proporção que eu havia prescrito. Confesso que essas correções artísticas apresentam dificuldades, exigem muito concerto, disciplina e concordância. Mas o golpe mortal que você mereceria pelo atentado que medita seria infinitamente mais simples. Não é preciso mais do que um homem de coração, e nós temos milhares. Corações pulsantes de homens de elite que suas ameaças e injustiças levantaram. Nós os contemos com grande dificuldade. Bastará levantar a cancela: senhor Abraham Schrameck, você passará por isso. Bastará tentar nos desarmar e nos entregar a seus carrascos chineses, você sofrerá a pena à qual se condenou. Dou-lhe a palavra de um homem que costuma falar seriamente e que não mente.

O que eu digo será. Serei obedecido, porque se sabe que a ordem dada não se inspira em nenhuma rancor pessoal e satisfará apenas às suprema necessidades da justiça e da pátria. Eu, como é bem sabido,

negligenciei, desprezei sanguinárias ofensas que me foram dirigidas a mim e aos meus para que não se dissesse que o poder moral de que dispunha foi dissipado em prol de um sentimento particular. Apenas o interesse público o julgará e o ferirá pela minha voz.

Eu não tenho, aliás, nenhum ressentimento pessoal contra você, senhor Abraham Schrameck. Já aconteceu de eu me associar um dia às suas reivindicações como senador das Bouches-du-Rhône quando o interesse eleitoral o levou à necessidade de apoiar as reivindicações dos pescadores de minha pequena cidade natal. É sem ódio como sem medo que darei a ordem de derramar seu sangue de cão se você abusar da força pública para abrir as eclusas de sangue francês sob as balas e punhais de seus caros bandidos de Moscou. Nesse dia, os mais covardes dos espectadores não poderão nem mesmo dizer que eu lhe causei o menor mal, pois você o terá querido, você o terá feito a si mesmo, você terá cometido o delito que eu o incito a se poupar.

Não me é possível saudá-lo, senhor Abraham Schrameck, mas eu o alerto. Agradeça-me por isso.

Maurras.

A carta causou sensação na França e na Europa. Schrameck fez de conta que a desprezava, anunciou até que iria " *dizimar* " os Camelots do Rei. Mas nada aconteceu e, é um fato que os crimes de sangue cessaram. Não houve mais assassinatos, nem desarmamentos sistemáticos. O medo havia mudado de lado.

Maurras teve que comparecer, de qualquer forma, em 16 de julho, diante da X Câmara Correcional. Maurras convocou, como testemunhas, várias personalidades. O escritor e professor Fortunat Strowsky veio testemunhar que a carta de Maurras havia " *acalmado a efervescência dos estudantes após os massacres de Marselha e da rua Damrémont* ". Léon Daudet, Bernard de Vézins, Jérôme Tharaud, dois professores de direito, Bartin e Perrot, Binet-Valmer depuseram no mesmo sentido. Pierre Taittinger declarou que " *Maurras havia dado o golpe de parada que se impunha* "; o canônico Richard, tio de Marius Plateau, Henri Massis, o almirante Schwerer também depuseram em favor de Maurras. O filósofo Jacques Maritain não compareceu à audiência, mas enviou uma carta. Ao lembrar que " *a resistência pela força não pode ser prescrita nem por um simples cidadão nem por um chefe de partido* ", ele insinuou que Maurras poderia ser considerado um "*civis praeclarus*" em quem " *se encarnaria temporariamente o bem comum e que agiria não na qualidade de chefe de partido, mas como um órgão dos interesses supremos e das necessidades vitais da comunidade, cujo consentimento tácito seria assim presumido.* " Maurras escapou por pouco da prisão em 8 de fevereiro de 1927. Em 1928, em *A Nação e o Rei* , Maurras, reprovando a política de quem se adaptou ao "invasor" por sugerir "acordos e alianças", lembrou aos "parlamentares" que "por trinta anos, um certo número de bons franceses incapazes de servir os judeus e metecos" têm apoiado a expulsão deles da França como "a virgem lorraina", que "era certa em propor expulsar os ingleses de nosso patrimônio": "Este plano não está sem desvantagens. Mas oferece vantagens. Se arriscamos perder nossa pele, não corremos o risco de ser enganados. Ao denunciar a fábula da legalidade, evitamos a necessidade de observar as regras do jogo contra um adversário que age injustamente."